



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Uma proposta metodológica para analisar o mercado de trabalho do setor da cultura em Santa Catarina

Marília Carbonari
Tereza Mara Franzoni

Para citar este artigo:

CARBONARI, Marília; FRANZONI, Tereza Mara. Uma proposta metodológica para analisar o mercado de trabalho do setor da cultura em Santa Catarina. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n. 58, ago. 2026.

 DOI: 10.5965/1414573102582026e0206

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Uma proposta metodológica¹ para analisar o mercado de trabalho do setor da cultura em Santa Catarina²

Marília Carbonari³
Tereza Mara Franzoni⁴

Resumo

Este artigo propõe uma metodologia crítica, ancorada na economia política de Karl Marx, para analisar o mercado de trabalho nas Artes Cênicas em Santa Catarina. Diante de uma expansão tímida do setor (1,6% de crescimento de assalariados em uma década), o estudo desenvolve um sistema de indicadores para desvendar as relações capitalistas de produção no ramo cultural. Os resultados revelam uma contradição: apesar do discurso da "economia criativa", o núcleo das Artes Cênicas possui um mercado ínfimo (488 vínculos formais), onde a precariedade é estrutural. Conclui-se que a superação desse cenário exige um projeto político alternativo e o fortalecimento da organização coletiva dos trabalhadores.

Palavras-Chave: Mercado de trabalho. Setor cultural. Relações de produção. Economia política. Santa Catarina.

A methodological proposal to analyze the labor market of the cultural sector in Santa Catarina

Abstract

This article proposes a critical methodology, based on Karl Marx's political economy, to analyze the labor market in the Performing Arts in Santa Catarina. In the face of a timid expansion in the sector (1.6% growth in salaried workers over a decade), the study develops a system of indicators to unravel the capitalist relations of production in the cultural field. The results reveal a contradiction: despite the "creative economy" narrative, the domain of the Performing Arts has a minuscule market (488 formal employment contracts), where precariousness is structural. It is concluded that overcoming this scenario requires an alternative political project and the strengthening of workers' collective organization.

Keywords: Labor market. Cultural sector. Production relations. Political economy. Santa Catarina.

Una propuesta metodológica para analizar el mercado laboral del sector cultural en Santa Catarina

Resumen

Este artículo propone una metodología crítica, basada en la economía política de Karl Marx, para analizar el mercado laboral de las Artes Escénicas en Santa Catarina. Frente a una expansión moderada del sector (1,6% de crecimiento de asalariados en una década), el artículo desarrolla un sistema de indicadores para develar las relaciones capitalistas de producción en el ámbito cultural. Los resultados revelan una contradicción: a pesar del discurso de la "economía creativa", el núcleo de las Artes Escénicas posee un mercado ínfimo (488 vínculos formales), donde la precariedad es estructural. Se concluye que la superación de este escenario exige un proyecto político alternativo y el fortalecimiento de la organización colectiva de los trabajadores.

Palabras clave: Mercado de trabajo. Sector cultural. Relaciones de producción. Economía política. Santa Catarina.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada pelas autoras.

² Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida durante o estágio pós-doutoral da Profa. Dra. Marília Carbonari no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UDESC, sob a supervisão da Profa. Dra. Tereza Mara Franzoni.

³ Doutorado em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Profa. Adjunta do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

 professora.marilia.carbonari@gmail.com marilia.carbonari@ufsc.br

 <http://lattes.cnpq.br/4277571730225424>  <https://orcid.org/0000-0001-8357-6002>

⁴ Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora nos cursos de graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).  tfranzoni@gmail.com; tereza.franzoni@udesc.br

 <http://lattes.cnpq.br/080771190645838>  <https://orcid.org/0000-0003-2498-0851>



Introdução

O Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) indicou um aumento de apenas 1,6% da participação relativa dos assalariados no setor da cultura no estado de Santa Catarina entre 2011 e 2021⁵. Já a participação das unidades locais do setor cultural no total do Cadastro Central de Empresas no estado decresceu 0,4% no mesmo período (2011/2021)⁶⁷. O que exatamente significam esses dados? De que forma estes e outros indicadores podem revelar as relações de trabalho e seu desenvolvimento no setor da cultura? Em que medida, o conhecimento crítico fundamentado sobre esses indicadores pode instrumentalizar a organização dos trabalhadores do setor?

Este artigo busca, por meio de uma discussão pautada nas categorias analíticas de compra e venda de força de trabalho, desenvolver uma metodologia de mapeamento do mercado capitalista⁸ do setor da cultura em Santa Catarina, utilizando indicadores disponíveis em fontes estatísticas. Trata-se aqui não só de distinguir o mercado de trabalho gerador de mais valia⁹ no setor da cultura, mas

⁵ Tabela de Atividades formalmente constituídas. Especificamente na Tabela 1.1.5 - Unidades locais, pessoal ocupado assalariado, salário médio mensal, variação relativa e diferença de participação no pessoal ocupado assalariado, para o setor cultural, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2011/2021. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>. Acesso em: 14 nov. 2025.

⁶ Tabela de Atividades formalmente constituídas. Especificamente na Tabela 1.1.5 - Unidades locais, pessoal ocupado assalariado, salário médio mensal, variação relativa e diferença de participação no pessoal ocupado assalariado, para o setor cultural, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2011/2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>. Acesso em: 14 nov. 2025.

⁷ Tabela de Atividades formalmente constituídas. Especificamente na Tabela 1.1.5.a - Participação das unidades locais do setor cultural no total do Cadastro Central de Empresas, segundo as Unidades da Federação - 2011/2021. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>. Acesso em: 22 nov. 2025.

⁸ Consideramos mercado de força de trabalho capitalista aquele em que há compra e venda da força de trabalho como mercadoria para produção da arte como mercadoria. Nesse sentido, tomamos como sinônimo desse mercado, o setor privado, como a categoria que melhor atende a essa definição.

⁹ A categoria de mais valia é definida por Marx como um prolongamento da jornada de trabalho para além do seu valor equivalente, ou seja, “o processo de produzir valor simplesmente dura até o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um equivalente. Ultrapassando esse ponto, o processo de produzir valor torna-se processo de produzir mais valia (valor excedente).” (Marx, 1989, p. 220)



também de reconhecer quais práticas sociais as/os trabalhadoras/es da arte têm ao seu alcance para manter condições de trabalho e vida justas.

O que chamamos de setor da cultura recebe muitos nomes: economia da cultura, indústria cultural, economia criativa e indústria criativa. Além de se referir a atividades que envolvem as/os trabalhadoras/es das artes, ele envolve também setores ligados aos sistemas de informação, publicidade e outros¹⁰. Comumente chamado de “indústria criativa”¹¹, o setor tem sido celebrado como um vetor de desenvolvimento econômico e inovação no Brasil. Dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan, 2025), por exemplo, apontam seu crescimento sustentado, cenário que se repete em Santa Catarina, estado com notável desempenho econômico e uma rica tradição cultural. O artigo de Danyella de Brito e Stélio Lombardi Filho (2019) cita vários estudos que também apontam para o crescimento do setor e para sua capacidade de gerar emprego e renda, o que levaria a uma melhora significativa nas condições de vida da população. Porém, o artigo chama a atenção para dois aspectos que nos interessam diretamente. Por um lado, a escassez de pesquisas sobre o mercado de trabalho do núcleo artístico da “classe criativa”; por outro, a abrangência da definição de “indústria criativa” da Firjan, que mascara a realidade específica do núcleo artístico do mercado da Cultura.

Por trás dos números agregados e da retórica do capital intelectual, uma outra realidade se apresenta. Este artigo parte do pressuposto de que as pesquisas sobre o mercado da cultura são precedidas por incentivos fiscais, expansão de infraestrutura estatal e, sobretudo, pela reprodução das relações capitalistas de produção como em outros ramos industriais. Assim, mesmo com os ciclos de expansão, persistem questões fundamentais sobre a natureza do mercado de

¹⁰ Na Composição do mercado de trabalho cultural utilizada pelo Código Brasileiro de Ocupações, CBO, e pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas, CNAE, encontram-se as seguintes atividades: Edição, livro e leitura, Comunicações, Sistemas restritos de informação (internet), Arquitetura, Publicidade, Rádio e televisão, Outras atividades artísticas e de espetáculos, Conservação do patrimônio, Atividades desportivas e outras relacionadas ao lazer, Audiovisual. (Barbosa, 2017, p. 15)

¹¹ O termo indústria criativa chega ao Brasil influenciado por relatórios e estudos internacionais, especialmente do Reino Unido e da Austrália, e ganhou força com o desenvolvimento de pesquisas e mapeamentos nacionais, como os realizados pela Firjan, no início dos anos 2000. Conforme a definição do British Council (2010, p. 23), as indústrias criativas são aquelas cujas “atividades têm sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e que têm um potencial de riqueza e criação de emprego através da geração e exploração da propriedade intelectual”.

trabalho no setor, e nas artes cênicas não é diferente, marcado pela precariedade e informalidade¹².

Para delimitar o objeto de estudo com precisão, este trabalho adota a conceituação de setor cultural estabelecida pelo IBGE. Esta opção segue a perspectiva de Brito e Lombardi Filho (2019), para quem a definição do IBGE permite isolar o núcleo artístico-cultural, diferenciando-o de setores como tecnologia e publicidade, que são frequentemente agregados sob o guarda-chuva da "economia criativa". A utilização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) para análise do Mercado de Trabalho Cultural (MTC) é também adotada por Barbosa (2017) que define esta fonte como a mais adequada para visualizar os diferentes movimentos do setor. A utilização do levantamento e a mineração de dados, portanto, serão guiados por uma delimitação conceitual mais estrita do setor, permitindo um foco analítico mais nítido nas atividades fim da cultura.

Essa opção metodológica é crucial para superar definições excessivamente abrangentes, como a da Firjan, e focar no núcleo das atividades artístico-culturais. Como destacam Brito e Lombardi Filho (2019, p. 34),

a definição de indústria criativa do Sistema Firjan é bastante abrangente, diferentemente da adotada neste estudo. Ressalta-se também que as indústrias criativas são caracterizadas pela natureza dos insumos de trabalho, isto é, 'indivíduos criativos'. Para a economia criativa, a cultura não é produzida – é, na verdade, o insumo da produção.

A discussão com Barbosa (2017) é fundamental, pois a autora também problematiza a heterogeneidade estatística do setor, alertando para o risco de análises que, ao adotarem definições muito amplas, tornam-se incapazes de

¹² Elder Patrick Maia Alves (2017), no artigo *As grandes corporações culturais e o trabalho criativo*, nos dá uma ideia da complexidade das relações de produção no mercado da cultura e da precarização e informalidade as quais estão submetidos as/os trabalhadores do setor. Para ele, “os mercados culturais, globais e nacionais, independente do segmento e conteúdos artístico-culturais, são compostos por seis agentes estruturais: 1) as empresas culturais especializadas; 2) as empresas não culturais (corporações que mantêm equipamentos culturais, contratam serviços artísticos especializados e financiam a produção de conteúdos; 3) os profissionais e trabalhadores da cultura; 4) os bancos privados (que emprestam recursos financeiros às empresas culturais especializadas); 5) as instituições estatais, que, das mais variadas formas, subsidiam as empresas culturais especializadas, seja na forma de empréstimos diretos, incentivos fiscais ou programas de qualificação, cuja função nos levou a conceituá-los como agentes estatais de mercado; 6) e os consumidores dos bens, serviços e atividades artístico-culturais e de entretenimento” (Alves, 2017, p. 42-3). Sendo que, grande parte do trabalho criativo seria desenvolvida por meio de uma “terceirização ampliada” com contratação de micro e pequenas empresas e trabalhadores informais em sua maior parte.



captar a especificidade da exploração do trabalho artístico. Nosso estudo busca contribuir para este debate metodológico ao propor um recorte que prioriza a identificação das relações produtivas capitalistas no interior do setor cultural.

Referencial teórico: Relações Capitalistas de Produção

O desenvolvimento de um referencial marxista para analisar a produção artística como mais uma esfera de acumulação capitalista demanda o estabelecimento de pontos de intersecção dos dados coletados com as categorias analíticas descritas por Marx em *O Capital* (Marx, 1989). Conforme Borja (2020, p.97), a abordagem pelo viés da crítica da economia política busca "analisar a arte enquanto processo produtivo, mais especificamente, enquanto produção de mercadorias culturais sob o domínio do capital". A força de trabalho¹³ da/o artista é uma mercadoria¹⁴ que, ao ser comprada, é consumida no processo de trabalho para a produção da arte como mercadoria (Carbonari, 2021, p. 89). O produto do trabalho artístico produzido como mercadoria pertence ao proprietário do meio de produção do setor da cultura, e será por ele comercializado. O exemplo da cantora, proposto por Marx, ajuda a entender a relação entre venda da força de trabalho, mercadoria e produção de capital:

Uma cantora que vende seu canto por conta própria é um trabalhador improdutivo. Mas, a mesma cantora, se um empresário a contrata para ganhar dinheiro com seu canto, é um trabalhador produtivo, pois produz capital (Marx, 1980, p. 396).

Essa diferenciação entre trabalho produtivo e improdutivo realizada por Marx em seu livro *Teorias da mais-valia* (1980) é crucial para a abordagem e o

¹³ A força de trabalho como categoria é definida por Marx como a capacidade de trabalho que compreende "o conjunto das faculdades físicas e mentais, existentes no corpo ou na personalidade de um ser humano, as quais ele põe em ação toda a vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie" (Marx, 1989, p. 187).

¹⁴ Mercadoria é um conceito chave da crítica da economia política em *O Capital*, pois é o elemento basilar da sociedade capitalista. Sendo inicialmente definida por Marx como "um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas [...] do estômago ou da fantasia" (Marx, 1989, pág. 41). Unidade de valor, valor-de-uso e valor-de-troca, a mercadoria como categoria é trabalhada durante vários capítulos da mesma obra, porém é no capítulo 4 que aparece a descrição da força de trabalho como mercadoria e seu papel na produção de capital propriamente dita.

mapeamento do mercado de trabalho¹⁵ que estamos propondo com este estudo.

Na citação vemos que a cantora, trabalhadora da arte, é uma trabalhadora produtiva de capital somente quando vende sua força de trabalho para um “empresário” (capitalista, dono de uma produtora) que, ao “utilizar” as habilidades (força de trabalho específica) da cantora para realizar shows, gravação de música, etc. e vender tais produtos como mercadoria, obtém “lucro”¹⁶ com seu canto.

Para nós, aqui, interessa destacar que os elementos do processo produtivo de capital (força de trabalho, mercado de circulação da força de trabalho e relações de produção) são indicadores que precisam ser revelados no mapeamento do mercado de trabalho a fim de identificar, para além das aparências, como o trabalho artístico está realmente sendo “empregado” (se produtivo ou não de capital) e como o mercado de trabalho no setor cultural se caracteriza.

Um estudo marxista fundado nessas categorias analíticas acerca do mercado de trabalho pode revelar que a precariedade que chamamos “estrutural” do setor talvez esconda uma concorrência entre as/os trabalhadoras/os decorrente da falta de vagas de trabalho no setor privado.

Como sabemos, em todos os ramos da indústria, o papel do Estado tem sido de “facilitar” a expansão capitalista em diferentes frentes: criação de infraestrutura, benefícios fiscais, parcerias público-privada. O que chamamos de “privatização” nas últimas décadas pode indicar a execução de um papel específico do Estado de auxiliar a ampliação das relações especificamente capitalistas de produção em todas as áreas. Vemos isso na educação, na saúde, nos transportes e não parece ser diferente no setor da cultura. Toda essa “ajuda” do Estado para o setor privado, no entanto, aparenta não ter gerado uma ampliação equivalente do mercado de trabalho no ramo cultural.

¹⁵ Mercado de trabalho, na perspectiva analítica que estamos introduzindo com este artigo, deve ser compreendido como o mercado de compra e venda de força de trabalho, ou seja, o mercado onde os artistas buscam “trabalho” para venderem sua força de trabalho para aqueles que a podem comprar (possuidores do dinheiro) para realizar o consumo da mesma através de um processo de trabalho que crie um produto artístico-cultural como mercadoria (Marx, 1989, p. 189).

¹⁶ O que via de regra chamamos de “lucro” é aquilo que Marx (1989) chama de mais valia, que é o valor excedente que o trabalhador produz, além do valor equivalente de sua força de trabalho. Ou seja, o que chamamos de “lucro” é a parte do valor que o trabalhador cria e que é apropriada pelo capitalista.



Entre outros aspectos a serem destacados verificamos que, quando olhamos para o mercado dos produtos culturais, podemos inferir uma relação entre produtos e produtores. Dados do IBGE (2023) revelam que 31,4% da população mora em municípios sem museus e 30,6% sem teatros¹⁷. Essa restrição dos equipamentos culturais pode indicar uma limitação do mercado para produtos e produtores do setor.

Nosso objetivo com esse trabalho é exatamente elaborar uma forma crítica de análise de dados e mapeamento do mercado de trabalho da cultura no Brasil, mais especificamente em Santa Catarina (com ênfase no setor das Artes Cênicas), a fim de entender suas especificidades e possíveis discrepâncias com outros setores da indústria capitalista.

Modelo para Análise Crítica e aplicação dos indicadores

Para uma metodologia crítica sobre o mercado de trabalho, é necessário desenvolver um sistema de indicadores que articule conceitos marxistas com dados quantitativos disponíveis. Como destacam Milan *et al.* (2022, p. 79), “O(A) pesquisador(a) deve ser capaz de justificar a sua escolha, de acordo com a finalidade e uso pretendido do estudo”. Neste sentido, propomos uma linha metodológica para analisar esse mercado a partir das categorias da crítica da economia política desenvolvidas por Marx (1989) em *O Capital*.

Inicialmente destacamos os conceitos indicados na Tabela 1 para balizar a seleção das fontes estatísticas e a consequente análise dos dados. É importante frisar que todos os dados devem ser segmentados pelo SETOR DA CULTURA e, quando possível, pela unidade federativa (Santa Catarina) e pela área de atuação (Artes Cênicas).

¹⁷ Informação retirada do artigo *Setor cultural tem mais emprego informal que o conjunto da economia*, de Bruno de Freitas Moura (2023), com base nos dados do IBGE, publicado no site da Agência Brasil, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/setor-cultural-tem-mais-emprego-informal-que-o-conjunto-da-economia#:~:text=Acesso%20%C3%A0%20cultura&text=O%20IBGE%20tamb%C3%A9m%20calculou%20a,direito%20%C3%A0%20cultura%22%2C%20observa>. Acesso em: 23 nov. 2025.

Tabela 1 - Sistema de indicadores críticos para análise das relações de produção

Conceito da crítica da economia política	Indicador operacional	Fonte Primária	Observação
Força de trabalho	Números de profissionais formados em cursos profissionalizantes e universidades e cadastrados com DRT	INEP, Delegacia Regional do Trabalho (DRT/MTE) e SATED/SC	É necessário setorizar os microdados do INEP e cruzar com informações a serem solicitadas ao SATED. Uma fonte alternativa seria verificar as pessoas cadastradas com MEI que tenham CNAE em Artes Cênicas
Mercado de trabalho	Razão entre força de trabalho (indicador acima) e Oportunidades de trabalho (vagas no setor privado da Cultura)	INEP, SATED/SC, SIIC e PNAD continua (IBGE)	É importante comparar as formas de apuração do mercado de trabalho de outros ramos industriais, sobretudo a proporção de oferta de força de trabalho e vagas. Também é preciso considerar os contratos feitos via MEI. Nesse caso teria que ser feito um levantamento dos contratos específicos por CNAE com NFS-e e RPA no Portal do empreendedor
Relações de trabalho ¹⁸	Contratos de trabalho (CTPS e CPD) no ramo da cultura (setor das Artes Cênicas)	SIIC, CAGED e RAIS	É importante verificar se o trabalho está sendo pago por tempo de trabalho e se o vínculo (mesmo que mediado por MEI) é constante na contratação.
Condições de trabalho ¹⁹	Convenções coletivas do SATED/SC, diferença percentual relativa ao rendimento médio do setor (PNAD contínua e SIIC). Para precariedade ver taxa de rotatividade (CAGED) e vínculos	SATED/SC, SIIC, CAGED e RAIS ²⁰	É necessário verificar e comparar a jornada de trabalho, direitos trabalhistas como férias, licenças e 13°. Mesmo que a contratação seja via MEI, verificar a relação da remuneração com o “acréscimo” de férias e 13° por comparação ao mesmo trabalho.

¹⁸ Relações de trabalho aqui configuram-se especificamente nas relações de compra e venda de força de trabalho (por tempo de trabalho), usualmente mediadas pela CLT ou, mais recentemente, por contrato com Pessoa Jurídica (MEI). Importante especificar os “tipos” de contratos e mediações (sindical ou não) entre os sujeitos sociais da relação de trabalho.

¹⁹ Condições de trabalho refere-se diretamente às condições das relações de trabalho especificamente capitalistas. Nesse caso, o mapeamento deve identificar primeiramente a jornada de trabalho e a remuneração por tempo de trabalho como critérios a serem apurados.

²⁰ Importante que as fontes sejam atualizadas sempre no sentido de verificar as conexões entre as relações de produção, os direitos trabalhistas e as organizações/movimentos de categoria ou classe.

	formais com duração inferior a 6 meses (RAIS)		
<u>Siglas utilizadas na tabela:</u> CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. CLT – Consolidação das Leis do Trabalho CNAE – Classificação Nacional de Atividades Econômicas²¹ CPD - Cadastro de Profissionais da Dança ou similar para as artes cênicas. CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social DRT – Delegacia Regional do Trabalho. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. MEI - Microempreendedor Individual. MTE - Ministério do Trabalho e Emprego. NFS-e - Nota Fiscal de Serviços Eletrônica. PNAD – Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. RPA - Recibo de Pagamento a Autônomo. SATED/SC – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões. SIIC – Sistema de Informações e Indicadores Culturais			

Essa tabela sintetiza a elaboração de um primeiro modelo para articular a perspectiva de análise das categorias da crítica da economia política (Marx, 1989) e as fontes de dados primárias disponíveis que podem auxiliar no mapeamento do mercado de trabalho específico.

Através do levantamento dos dados pela aplicação desses indicadores críticos, buscamos:

1. Desvendar as relações capitalistas específicas (geralmente do setor privado) que estruturam o mercado de trabalho no setor cultural catarinense;
 Foco: identificar as relações de trabalho com estabilidade de contratos (seja via CLT ou via MEI).
 Desdobramentos: após o levantamento dos dados acreditamos que será possível identificar a proporção entre profissionais artistas disponíveis e vagas no mercado de compra e venda de força de trabalho, possibilitando o acompanhamento, ao longo dos anos, dessa relação.

²¹ Exemplos de CNAEs comuns para o setor artístico como MEI: **90.01-5/01** - Artistas independentes e grupos de artistas independentes (para atores, bailarinos, músicos em espetáculos); **90.01-5/02** - Atividades de apoio às artes cênicas (para técnicos: iluminador, cenógrafo, sonoplasta); **74.10-6/01** - Atividades de design (para cenógrafos e figurinistas que atuam de forma mais autônoma); **85.52-9/01** - Ensino de artes cênicas (para dar aulas de teatro, dança, etc.); **82.30-0/01** - Promoção de eventos esportivos, culturais e artísticos.

2. Desenvolver indicadores críticos para mapear a força de trabalho no setor, cruzando dados quantitativos com a análise da ação sindical;
Foco: Identificar as reais condições de trabalho (jornada, direitos) e sua relação com a organização da categoria das/os trabalhadoras/es da arte para expansão e melhoria do mercado de trabalho.
Desdobramentos: a produção de análises críticas periódicas (séries históricas e estatísticas) pode servir como uma ferramenta importante de negociação e formulação de políticas.
3. Questionar a narrativa sobre o "investimento privado" na cultura, demonstrando a relação de exploração e precarização no setor.
Foco: Verificar se há investimento direto do setor privado ou se esse, além de se valer dos incentivos estatais, pouco ou nada investe na ampliação do mercado de trabalho específico.
Desdobramentos: aqui também, a produção de análises críticas periódicas (séries históricas e estatísticas) pode servir como parâmetro para avaliar a eficácia dos investimentos (públicos e privados) no setor, especialmente no que se refere à geração de postos de trabalho.

Um dos eixos centrais desse modelo se revela, portanto, com a demonstração da possível contradição entre os dados de desenvolvimento quantitativo do setor e os desafios enfrentados pela organização coletiva dos trabalhadores para garantir melhores condições de trabalho. Dessa forma, a atualização das fontes de pesquisa e de indicadores a serem utilizados deve ser feita sempre no sentido de apurar a relação entre as condições de trabalho e o nível de organização da categoria das/os trabalhadoras/es da arte.

Outro importante desdobramento esperado, com o aprofundamento da aplicação do modelo, é a verificação da diferença das condições de produção que o Estado já ofereceu para outros ramos industriais e que oferece para a Cultura. Aferindo, assim, a relação das facilidades fiscais e o real aumento de oferta de vagas de trabalho no setor.

Também é importante destacar que - mesmo que o levantamento e "mineração" dos dados não tenha sido realizado para este trabalho (este não era nosso objetivo), a discussão e proposição do modelo metodológico aqui apontado já permite sua aplicação e sua possível replicação em outros ramos e unidades da

federação.

Ampliação: aprofundamento metodológico e a centralidade da luta de classes

A abordagem analítica proposta pelo modelo que estamos apresentando não se restringe à coleta de dados. Ela pressupõe a incorporação da lógica interpretativa marxista que os contextualiza no movimento real da produção capitalista e da luta de classes. A análise qualitativa das relações de produção no setor privado - como a rotatividade e precariedade dos contratos por MEI e a compra flexível da força de trabalho é essencial para desvendar como o mercado de trabalho se concretiza na relação material de produção.

Esta metodologia permite visualizar não apenas a exploração na relação específica de produção, mas toda a arquitetura socioeconômica que a viabiliza e naturaliza. O "projeto" ou "job" torna-se, assim, a forma contemporânea predominante de mediação da compra da força de trabalho no setor, fragmentando a experiência laboral e dificultando a identificação clara do explorador direto, sem, contudo, eliminar a essência da relação capitalista.

Neste cenário, a análise da ação sindical e da organização coletiva deixa de ser um tópico complementar para se tornar um eixo central da investigação. A capacidade de resistência e a construção de lutas horizontais por melhorias nas condições de trabalho são variáveis decisivas que modificam materialmente a equação da exploração. O estudo da atuação de entidades como o SATED/SC, suas estratégias de mobilização, suas conquistas nas mesas de negociação e seus períodos de maior articulação política (como verificado em outros estados com sindicatos afiliados à CUT²²), fornece a dimensão dialética necessária para compreender a dinâmica do setor. É através dessa lente que se pode avaliar em que medida o crescimento econômico se traduz, ou não, em ganhos para a categoria das/os trabalhadoras/es da cultura, revelando que as condições de trabalho e vida são um terreno de disputa.

²² A afiliação à Central Única dos Trabalhadores (CUT) identifica a categoria das/dos trabalhadoras/es da arte como parte da classe trabalhadora "nacional" através de uma central sindical. Essa referência vem sobretudo a partir das conquistas trabalhistas das/dos artistas pela Lei Federal nº 6.533, de 24 de maio de 1978.

Análise do Setor da Cultura Catarinense: entre o potencial e a precariedade

O estado de Santa Catarina apresenta um cenário paradoxal. De um lado, destaca-se por polos de tecnologia e inovação, uma rica tradição cultural e instituições de ensino artístico consolidadas. A cena catarinense é marcada por grupos como o Cirquinho do Revirado (Criciúma), Cia. Carona de Teatro (Blumenau) e a Cena 11 Cia. de Dança (Florianópolis), entre outros. Estes coletivos, embora consolidados, operam majoritariamente no regime de projetos e editais, com raros exemplos identificados até o momento de "compra da força de trabalho". Quando há contratação de força de trabalho, essa é realizada de forma esporádica e instável, não configurando um processo contínuo de valorização do valor.

Como em outros ramos industriais, o investimento público é determinante para a "criação" de um mercado. Em Santa Catarina o governo estadual destinou apenas 1,7% de seus gastos à cultura em 2022, enquanto os municípios catarinenses aplicaram 3,5% no mesmo ano²³. É esse financiamento que, ao longo dos anos, vai impactar diretamente a capacidade de estruturação de um mercado para os produtos culturais no estado e, por consequência, a estabilidade do mercado de trabalho na cultura.

Os dados mais recentes sobre a Indústria Criativa em Santa Catarina, sistematizados pela Firjan (Firjan, 2025) parecem, à primeira vista, contradizer a análise aqui proposta, ao apontarem um PIB criativo de R\$ 23,9 bilhões (4º maior do país) e um crescimento de 6,2% nos empregos do setor em 2023. No entanto, uma análise detalhada revela a relevância do modelo que parte da crítica da economia política.

No levantamento da Firjan (Firjan, 2025), a imensa produção econômica e a geração de empregos estão concentradas nas áreas de Tecnologia (35,6%) e Consumo (51,9%), como Publicidade e Design. O núcleo cultural, objeto deste

²³ Gastos da administração pública. Especificamente na Tabelas 3.7 e 3.8 respectivamente - Despesa com cultura dos governos estaduais e municipais, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2012-2022. Disponível: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>. Acesso em: 14 nov. 2025).



estudo, representa uma fração marginal de 5,6% do total, com as Artes Cênicas respondendo por apenas 0,7% – o que equivale a meros 488 vínculos empregatícios formais em todo o estado. Este número ínfimo, que cresceu apenas 5,9% em um ano (ou 27 novos postos de trabalho), evidencia o desequilíbrio do setor e a grande lacuna de mercado de trabalho na área das artes da cena.

Em um trabalho preambular de investigação sobre as relações de produção especificamente capitalistas no ramo da cultura no estado, identificamos a contratação de profissionais da arte pela J.B. World Entretenimentos S/A (Beto Carrero World), exemplo de mercado de trabalho nos moldes que estamos mapeando. A mediação no mercado de compra e venda de força de trabalho, nesse caso, está sendo feita pelo SATED/SC, como entidade da categoria, que fez a convocação da última Assembleia Geral dos Empregados da empresa²⁴, como sindicato representativo da categoria. Inferimos que setores como o hoteleiro e os parques temáticos também podem se apresentar como possíveis nichos de mercado de trabalho nos moldes capitalistas.

Ainda que seja possível identificar uma tímida expansão do setor privado da cultura no estado, essa não se traduz necessariamente em melhores condições de trabalho para a maioria das/os trabalhadoras/es. A estrutura do setor privado mostra-se frágil, com baixo investimento de capital de risco e poucas especialidades artísticas onde a força de trabalho específica também possa ser aplicada. A falta de postos de trabalho impacta diretamente a capacidade de estruturação de um mercado de trabalho estável no setor da cultura.

Embora, como mostramos acima, tenhamos alguns dados do mercado da cultura em Santa Catarina, observamos que o detalhamento sobre os números que refletem as relações de trabalho nos parâmetros específicos é necessário.

Discussão: A contradição do crescimento e a força sindical

Enquanto o British Council celebra a economia criativa como o setor onde a “fonte” da riqueza “na era da informação do século XXI é talento, imaginação,

²⁴<https://satedsc.org/2025/06/30/convocacao-de-assembleia-geral-para-empregados-do-parque-beto-carrero-3/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

habilidades e conhecimentos: a criatividade" (British Council, 2010, p. 18), consideramos que o discurso da criatividade como recurso pode esconder uma relação de precariedade na consolidação de um mercado de trabalho formal no setor.

O que começamos a verificar, através dos dados, é uma contradição crucial: o setor cultural catarinense, conforme medido pelo IBGE, apresenta dinamismo, mas este crescimento não refletiu de forma significativa no aumento dos postos de trabalho e não foi acompanhado por um fortalecimento proporcional das organizações dos trabalhadores para garantir melhores condições laborais. No entanto, é precisamente diante de uma lógica de mercado desestruturante que a organização sindical se mostra mais necessária.

A atuação dos diversos Sindicatos dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões (SATED) no Brasil, particularmente em seu período de afiliação à Central Única dos Trabalhadores (CUT), após 1990, na maioria dos estados brasileiros, representou um contraponto significativo. Essa articulação nacional proporcionou um período de avanços concretos nas relações produtivas, com a negociação de convenções coletivas que estabeleceram pisos salariais, definiram direitos trabalhistas específicos e criaram alternativas à lógica servil do mecenato. A organização coletiva aparece, portanto, como a variável que modifica a equação da exploração. Marx já alertava sobre isso na luta pelas condições de trabalho e explica: "[...] a regulamentação da jornada de trabalho se apresenta, na história da produção capitalista, como luta pela limitação da jornada de trabalho, um embate que se trava entre a classe capitalista e a classe trabalhadora" (Marx, 1989, p. 300).

No campo da produção cultural como capital, esse embate muitas vezes é transladado para a questão das políticas públicas para a cultura. Porém, em nossa análise, ressaltamos que são as relações de compra e venda de força de trabalho que devem balizar tanto a análise do mercado de trabalho como a aferição da luta de classes no ramo da cultura.

Esta constatação leva a questionar o cerne do financiamento do setor. A análise demonstra que o chamado "investimento privado" frequentemente se estrutura sobre a renúncia de direitos trabalhistas (convenções coletivas que



distorcem acordos históricos) e a externalização de riscos para o trabalhador (contratos pontuais e esporádicos), que assume a condição de microempreendedor individual (MEI) ou pessoa jurídica.

Por outro lado, o chamado "investimento privado" via leis de incentivo representa, via de regra, renúncia fiscal. Uma estimativa preliminar indica que a maior parte do valor captado corresponde a recursos públicos indiretos, descontados os benefícios fiscais. Este modelo, longe de fomentar a autonomia do setor, aprofunda sua dependência de um mercado instável, sem garantir a contrapartida de direitos trabalhistas sólidos, criando um ciclo vicioso de precariedade que somente a organização coletiva pode romper.

Conclusão: por uma Metodologia Crítica e um Projeto Político para o Setor Cultural

Este artigo procurou demonstrar a viabilidade da crítica da economia política como fundamento para uma metodologia materialista de análise do mercado de trabalho cultural. O modelo proposto pretende desvendar as relações capitalistas que estruturam o setor privado cultural catarinense, revelando uma contradição fundamental: a retórica da inovação e do dinamismo convive com a realidade de um mercado escasso e com instabilidade dos vínculos para a força de trabalho nas artes cênicas. Ao adotar as categorias marxistas - força de trabalho, mercado e relações de produção - como eixo estruturador, procuramos encontrar um caminho para superar a mera descrição estatística para expor as condições sociais de produção que subjazem aos números.

O principal avanço deste trabalho reside na apresentação de um modelo analítico que articula conceitos fundamentais da crítica da economia política com fontes de dados estatísticos oficiais disponíveis. O sistema de indicadores críticos proposto oferece uma ferramenta metodológica que, longe de ser neutra, coloca-se a serviço das pessoas proprietárias somente de sua força de trabalho e da transformação das relações de produção. A replicabilidade do método, ancorada nos dados do IBGE, permite sua aplicação em outras unidades federativas (assim como outros ramos da indústria capitalista), abrindo caminho para análises comparativas e a construção de um painel crítico nacional.



Os desdobramentos deste trabalho apontam para rumos frutíferos tanto para a pesquisa quanto para a ação política. O artigo evidencia que a superação das contradições identificadas não é um feito natural do desenvolvimento do setor, mas um projeto político. Esperamos que pesquisas futuras apliquem e refinem esta metodologia, utilizando-a em outros estados e subsetores da cultura, permitindo uma comparação nacional e a identificação de padrões e alternativas. Para a organização dos trabalhadores, a principal contribuição é a geração de uma ferramenta de diagnóstico. O conhecimento crítico produzido por essa lente analítica – que aponta como o investimento privado direto ou o "investimento" via renúncia fiscal não se reverte em estabilidade laboral – pode instrumentalizar diretamente as pautas de reivindicação sindical, fortalecendo a negociação coletiva e as lutas por direitos. A organização das/dos trabalhadoras/es, exemplificada pela histórica atuação de entidades como o SATED, não é um apêndice desta equação, mas a força social fundamental sem a qual a superação das contradições se torna impossível.

Por fim, ao desvelar as necessidades laborais materiais dos artistas, este enfoque contribui para redefinir o próprio conceito de “desenvolvimento” do setor cultural. A verdadeira construção do setor da cultura no Brasil deve ser medida não apenas por indicadores econômicos abstratos, mas pela capacidade de trabalhadoras e trabalhadores se organizarem e exercerem com garantias trabalhistas seu ofício, reinserindo a produção artística na esfera do trabalho e desmistificando o discurso da criatividade como recurso inesgotável e desprovido de relações materiais de produção.

Referências

ALVES, E. P. M. As grandes corporações culturais e o trabalho criativo. In: BARBALHO, A.; ALVES, E. P.; VIEIRA, M. P. (Org.). Os trabalhadores da cultura no Brasil: criação, práticas e reconhecimento. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25651>. Acesso em 09 set 2025. Acesso em: 09 set. 2025.

BARBOSA, F. Análise do mercado de trabalho cultural. In: BARBALHO, A.; ALVES, E. P.; VIEIRA, M. P. (Org.). *Os trabalhadores da cultura no Brasil: criação, práticas e reconhecimento*. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25651>. Acesso em: 09 set. 2025.

BORJA, B. O capital e a cultura: elementos de economia política da cultura em Marx. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. N. 56 – maio-ago. 2020. Disponível em file:///home/tereza/Downloads/danielpereirasampaio,+SEP56_3BORJA-1.pdf. Acesso em: 30 maio 2025.

BRITO, D. J. M.; LOMBARDI FILHO, S. C. Fatores determinantes da participação no mercado de trabalho cultural brasileiro. *Pesquisa e Planejamento Econômico* | ppe | v. 49 | n. 2 | ago. 2019. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/pppe/190927_pppe_49_n2_artigo02.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

BRITISH COUNCIL. *A Economia Criativa: Um Guia Introductório*. Tradução de Ana Cristina Pelosi. Brasília: British Council, 2010. Disponível em: https://www.institutopensar.com/admin/arquivos/317_guia.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

CARBONARI, M. *A produção da arte na forma social do capital*. Florianópolis: Editora Em Debate/UFSC, 2021.

FIRJAN. *Mapeamento da Indústria Criativa 2025*. Rio de Janeiro: Firjan, 2025. Disponível em: <https://observatorio.firjan.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2025.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

MARX, Karl. Teorias da mais valia. Livro 4 de *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MILAN, M. et al. *Métodos e técnicas de pesquisa para economia criativa e da cultura*. Porto Alegre: UFRGS/FCE, Itaú Cultural, 2022.

MOURA, B. F. *Setor cultural tem mais emprego informal que o conjunto da economia*: Pesquisa do IBGE mostra, no entanto, que salários são maiores. Rio de Janeiro: Agência Brasil, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/setor-cultural-tem-mais-emprego-informal-que-o-conjunto-da-economia>. Acesso em: 23 nov. 2025.



Sites consultados

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/caged>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/cultura.html>

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Disponível em:
<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais - Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>

Recebido em: 27/11/2025

Aprovado em: 11/07/2026

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC
Centro de Artes, Design e Moda – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br